



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

FLUSHED AWAY / 2006

Por Água Abaixo

Um filme de David Bowers e Sam Fell

Argumento: Dick Clement, Ian La Frenais, Chris Lloyd, Joe Keenan, Will Davies, a partir de uma história de Sam Fell, Peter Lord, Dick Clement e Ian La Frenais / *Imagem (cor):* Brad Blackburn, Frank Passingham / *Direção artística:* Pierre-Olivier Vincent, Scott Willis / *Música:* Harry Gregson-Williams / *Montagem:* Erik Dapkewicz, John Venzon / *Som:* Rodrigo Ortiz-Parada (engenheiro de som) / *Com as vozes de:* Hugh Jackman (*Roddy*), Kate Winslet (*Rita*), Ian McKellen (*o Sapo*), Jean Reno (*Le Frog*), Bill Nighy (*Whitey*), Andy Serkis (*Spike*), Shane Richie (*Sid*), Kathy Burke (*a mãe de Rita*), David Suchet (*o pai de Rita*) e outros.

Produção: Aardman Animations e Dreamwork Animation / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão dobrada / *Duração:* 86 minutos / *Estreia mundial:* 22 de Outubro de 2006, simultaneamente em Tóquio (Festival Internacional de Tóquio) e Los Angeles (Hollywood Film Festival) / *Estreia em Portugal:* 30 de Novembro de 2006, em Lisboa (cinemas Alvaláxia, King, Amoreiras, Colombo, Olivais Shopping, Vasco da Gama) e no Porto (cinemas UCI e Dolce Vita).



Flushed Away (literalmente: “evacuado pelo autoclismo”) é uma coprodução dos britânicos da Aardman Animation e dos americanos da Dreamwork Animation, numa união um pouco esdrúxula, que suscitou algumas lamentações. A Aardman é (ou era então) um estúdio relativamente pequeno, que lançou em 1989 um par de personagens que se tornou mundialmente célebre, o cão Gromit e o seu dono Wallace. A técnica de animação usada pelo estúdio sempre foi a plasticina, ou seja, uma massa de modelar e tudo era feito à mão e à antiga, com a técnica de animação dita de *stop motion*, quadro a quadro. Pode-se inclusive dizer que o prestígio perene da dupla Wallace e Gromit trouxe um novo prestígio à plasticina e ao cinema de animação em duas dimensões de modo geral, que estava ameaçado pelo avassalador mundo digital. Mas é difícil permanecer pequeno quando se tem êxito e para **Flushed Away** a Aardman associou-se à *major* americana que é a Dreamwork e o filme foi inteiramente feito por computador, porém imitando o efeito da plasticina, numa simulação que muitos consideraram como nada mais nada menos do que uma falsificação, o que é sem dúvida o caso, embora isto não anule automaticamente o valor do filme. A este propósito, Andrew Osmond perguntou-se em *Sight & Sound* se, devido ao uso da animação por computador, “**Flushed Away** será o equivalente da guitarra elétrica de Bob Dylan, o «momento Judas» dos estúdios Aardman?”, para responder: “Provavelmente não” e chegar à conclusão de que “trata-se de um dos melhores filmes de animação do ano”, com a significativa ressalva de que “só não se deve esperar um novo **Curse of the Ware-Rabbit**” (**Wallace & Gromit: a Maldição do Coelho-Homem**, de 2005). Bem mais violenta foi a reação do indignado Hervé Aubron nos *Cahiers du Cinéma*: “Muito bem, o que vamos simular agora? Vítimas do tédio, os computadores ansiosos lançam-se em sínteses aberrantes. É o caso de **Flushed Away**, que simula em 3D a massa de

modelar. (...) Esta simulação tem um duplo efeito contraditório, pois a pseudo-plasticina torna-se a hóstia digital de uma carne fantasma” (nem menos). É mais do que provável que ao verem o ouro da Dreamwork à frente os responsáveis dos estúdios Aardman tenham cedido (estreado no mesmo dia em dois festivais internacionais, o filme teve distribuição em larguíssima escala), embora razões técnicas tenham sido evocadas: há muitas cenas em espaços aquáticos e, segundo os entendidos, a água é um elemento especialmente difícil de se representar na animação quadro a quadro (quem já viu o **Pinóquio** de 1940 talvez não seja desta opinião).

A relativa moleza narrativa de **Flushed Away**, apesar das suas variadas peripécias (o género de que o filme mais se aproxima e que parodia é o chamado *filme de ação*), vem menos da simulação da plasticina (*“falsamente manipulada por dedos virtuais”*, rosna Hervé Aubron) que dá forma aos seus personagens do que às questões narrativas que se colocam a qualquer filme de animação de longa-metragem. A força do cinema de animação de curta-metragem reside nos *gags* e nas situações, muitas vezes repetitivas, reiteradas. Como não é muito boa ideia fazer uma longa-metragem de animação que consista apenas numa enfiada de *gags*, pois um filme de oitenta minutos exige uma narração de conjunto, uma *história*, os filmes de animação de longa-metragem tentam dar alguma espessura “psicológica” aos seus personagens, o que é um tanto problemático, posto que se trata de bonecos. O vazio, a indiferença, são os sentimentos humanos mais plausíveis na pele de um boneco de animação. Em **Flushed Away**, os personagens, sobretudo o par de protagonistas, são antropomorfizados a tal ponto que o espectador se esquece de que são ratos que se comportam como seres humanos e passa a ver simulacros de personagens humanos. As aventuras do protagonista são mais interessantes do que ele, que se assemelha em demasia a um homem mediano, tépido e apático: Roddy não é seguro de si e cabotino, nem burro e desastrado, não é um *loser*, tem o defeito mortal de ser neutro. É evidente que uma das ideias-chave do argumento é mostrar que um homem comum pode vencer os malvados e poderosos, mas o resultado é que, como em tantos filmes do período clássico de Hollywood, o bom do protagonista é bem menos interessante do que o mau da fita, o gordo sapo que tem alguma semelhança com uma memorável má da fita, a Rainha de Copas da **Alice no País das Maravilhas** de Walt Disney (Spike, *ponta de ferro*, o “okupa”, também parece ser uma alusão a Disney, pois é parecidíssimo a Gus, o rato burro e inofensivo de **A Gata Borralheira**). O argumento e as ideias de pormenor são bons, mas falta a **Flushed Away** um protagonista marcante, como o irresistível Gromit, que fez a fama dos estúdios Aardman. O Sapo (é assim que o genérico o designa, com maiúscula) é uma figura bem mais elaborada do que Roddy, o herói *malgré lui*: como todo déspota, tem uma corte composta por minhocas de diversos feitios (que cantam em coro como os Munchkins de **O Feiticeiro de Oz**), um bando de capangas formado por sapos franceses (afinal, *frog* é a palavra pejorativa para se designar aquela estranha espécie humana que come sapos e caracóis) e, o que o torna ainda mais simpático, uma bela coleção de *royal kitsch* (passe o pleonasma), com irresistíveis canecas que põem em valor a vasta dentição e as orelhas de abano do atual Príncipe de Gales (pena não terem mexido com outros *royals*, embora haja alguns corgies de porcelana e uma caneca com a forma da cabeça da mãe do referido príncipe, discretamente pousada numa prateleira). Noutra passagem, há mais um divertido achado de argumentista: uma barata lê um livro de Kafka (podemos supor que se trata de **A Metamorfose**...) e há ainda um “sósia” batráquio de Marcel Marceau, que imita os gestos do Sapo, quando a cara deste aparece num ecrã de telemóvel. Mas estas ideias de argumento, por vezes destinadas aos espectadores adultos, como as alusões a Kafka e Marcel Marceau, por melhores que sejam, são pormenores do filme, no qual a placidez excessiva do protagonista (e também a da sua parceira feminina, que só difere dele pelo facto de ser pobre) acaba por se refletir no ritmo narrativo. As perseguições aquáticas, que parecem fazer irónicas alusões aos filmes de James Bond, são particularmente pouco tensas. Apesar desta relativa moleza, o argumento do filme é consistente: um habitante dos bairros ricos é expelido rumo às classes baixas, que vivem, literal e não simbolicamente, no esgoto. Para o público infantil, o facto das verdadeiras aventuras começarem na borda e no interior de uma sanita terá o seu efeito cómico. E tudo é calculado para que não haja a menor alusão às matérias que se encontram nos canos dos esgotos, às quais há no entanto uma súbita e brevíssima alusão, numa prova da habilidade com que foi calculado o argumento. O resultado final é um tanto ameno, tudo deveria ter sido mais radical, mas esta amenidade é um dos preços a pagar quando se trabalha na grande indústria.

Antonio Rodrigues